

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

DANIELLA DE ALENCAR PASSOS

O MONOPÓLIO DO NOCAUTE: MEMÓRIAS DOS PRIMÓRDIOS DO *MIXED*  
*MARTIAL ARTS* NA CIDADE DE CURITIBA



CURITIBA  
2013

**DANIELLA DE ALENCAR PASSOS**

**O MONOPÓLIO DO NOCAUTE: MEMÓRIAS DOS PRIMÓRDIOS DO *MIXED*  
*MARTIAL ARTS* EM CURITIBA**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Sidmar dos Santos Meurer

**CURITIBA  
2013**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos os professores que me acompanharam nessa jornada, em especial ao professor André Mendes Capraro, Sérgio Roberto Chaves Junior e Sidmar dos Santos Meurer pelos amparos acadêmicos zelosos e constantes, e de maneira mais especial ao professor Sidmar pela orientação dedicada deste e de outros trabalhos. Espero levar seus conselhos por toda minha vida profissional.

Agradeço também a todos os colegas do grupo de estudos “História Cultural das Lutas, Artes Marciais e dos Esportes de Combate no Brasil: Memórias, sujeitos e processos” pelos encontros sempre muito produtivos e inspiradores, particularmente ao colega Rodrigo Cribari Prado pela co-orientação deste trabalho.

Obrigada pai pela paixão que sinto pelas lutas!

Somos sempre condenados ao tempo, condição a qual não escapa nenhuma existência. [...] O fluxo do tempo, por essa razão, ameaça os indivíduos e os grupos em suas existências. Como parar esse tempo devastador, essa corrida desabalada, como evitar seu trabalho incoerente, indiferente, impessoal e destruidor, como se livrar da ruína universal com a qual ameaça toda a vida? (CANDAU, 2012).

## RESUMO

### **O MONOPÓLIO DO NOCAUTE: MEMÓRIAS DOS PRIMÓDIOS DO *MIXED MARTIAL ARTS* NA CIDADE DE CURITIBA**

O *Mixed Martial Arts* (MMA) é o termo que corresponde à denominação mais recente da prática corporal que em determinado momento ficou conhecida como Vale-tudo. Esta prática foi denominada assim porque qualquer atleta, de qualquer modalidade de luta, poderia lutar; e não, como o próprio termo sugere, que vale fazer de tudo durante a luta, ou seja, é completamente desregrada. É sobre essas experiências que este trabalho pretende se deter. Para a formalização das experiências e suas repercussões, o presente estudo pauta-se na investigação a partir do conceito de memória, tal como alguns autores das Ciências Sociais e Humanas a tem caracterizado.

O objetivo central deste trabalho é identificar e analisar como se manifestam as memórias dos sujeitos envolvidos com o processo de desenvolvimento do Vale-tudo/*Mixed Martial Arts* (MMA) na cidade de Curitiba. Além disso, pretende-se ainda pesquisar se há fissuras ou nuances nessas narrativas dos sujeitos com as versões já consagradas e dessa forma investigar possíveis divergências em torno das memórias relacionadas à origem do Vale-tudo/MMA em Curitiba.

A partir dos referenciais teóricos de Maurice Halbwachs, David Lowenthal, Jacques Le Goff, Michael Pollak, Alessandro Portelli e Paul Thompson o presente estudo pretende analisar as relações entre as memórias (individual, coletiva, histórica) e identidade (pertencimento, construção).

Palavras chaves: Memória; História Oral; Vale-tudo/Mixed Martial Arts.

## ABSTRACT

### THE KNOCK OUT'S MONOPOLY: CURITIBA CITY'S MIXED MARTIAL ARTS EARLY MEMORIES

The Mixed Martial Arts (MMA) is the noun that correspond to the most recently denomination for the corporal practice which was known as Vale-tudo in a certain moment. This practice was called "though" because any athlete, from whatever fight modality could fight; and not because he could do anything during the fight, as the noun suppose to, as it was something completely unruly. It's about this experience that this work intends to be expanded on. To formalize the experiences and it's recoils the present study is guided by the investigation from the memory concept, as some Human Social Science's authors have defined it.

The principal objective of this work is indentify and analyze how the memory of the Curitiba city's guys involved to the Vale Tudo/ Mixed Martial Arts (MMA) development express.

Furthermore it intend to research if there is any gaps or nuances between the guys' narratives' and the already adopted versions and that way to investigate if there is any possible differences on the Curitiba's Vale Tudo/MMA's origins' related memories.

On the bases of theoretical references of Maurice Halbwachs, David Lowenthal, Jacques Le Goff, Michael Pollak, Alessandro Portelli and Paul Thompson, the present work intend to analyze the relation between memories (individual, collective, historical) and identity (belong, construction).

Keys-words: Memory; Oral history, Vale-tudo/ Mixed Martial Arts

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	7
1.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	13
<b>2 POR DENTRO DOS EIXOS INVESTIGATIVOS: OS INTINERÁRIOS DA PESQUISA</b>	17
2.1 AS ENTREVISTAS E OS ENTREVISTADOS	17
2.1.1 Transcrição	18
2.1.2 Análise das entrevistas	19
<b>3 ESTUDO DA MEMÓRIA</b>	20
3.1 O REGISTRO DAS MEMÓRIAS: A CONCRETIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS	23
<b>4 SOBRE AS ORIGENS DO VALE-TUDO/MMA EM CURITIBA: PERCURSOS E FRAGMENTOS DA MEMÓRIA</b>	26
4.1 OS ARTISTAS DO RINGUE: OS LUTADORES DE TELECATCH	26
4.2 REI ZULU DESAFIA	31
4.2 CURITIBA DO MUAY THAI	34
4.4 ACERTO DE CONTAS	38
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	42
<b>REFERÊNCIAS</b>	45
<b>ANEXOS</b>	47

## 1 INTRODUÇÃO

Saitama Super Arena, cidade de Saitama no Japão, 2005, mais precisamente dia 8 de Agosto. O evento é o PRIDE Final Conflict<sup>1</sup>. Os dois atletas se cumprimentam tocando as luvas e ao comando do árbitro iniciam o combate que decidirá o campeão meio-pesado do evento mais famoso de *Mixed Martial Arts* da época. Os oponentes se estudam no meio do ringue e na primeira ação da luta, o atleta curitibano Maurício Milani Rua, conhecido como *Shogun*, pula arriscando um chute giratório que passa no vazio. Seu adversário é Ricardo Arona, carioca que se apresenta como representante do Jiu-jitsu da equipe Brazilian Top Team<sup>2</sup> e que na mesma noite já havia derrotado, na decisão unânime dos juízes, o companheiro de treino de *Shogun*, Wanderlei Silva. Intitulado de *Cachorro Louco* pelos japoneses devido ao seu estilo agressivo de luta, Wanderlei está agora torcendo efusivamente no *corner* de seu parceiro de equipe. Este, por sua vez, também havia vencido sua luta anterior por nocaute técnico sobre o holandês Alistair Overeen.

Imprimindo um forte ritmo de luta, *Shogun* derruba seu adversário e pula para tentar o *pisão na cabeça*<sup>3</sup>. *Shogun* ainda desfere alguns socos e levanta-se rapidamente para tentar dar um *tiro de meta*<sup>4</sup> que passa no vazio permitindo que Arona levante. Com os dois de pé, *Shogun* logo parte para cima e acerta um soco em Arona, entrando no *clinch*<sup>5</sup> e acertando muitas joelhadas nas costelas do atleta da Brazilian Top Team, que por sua vez tenta derrubá-lo. Com uma boa queda aplicada no carioca, *Shogun* fica na *meia guarda por cima*<sup>6</sup> desferindo cotoveladas no corpo e joelhadas nas costelas e na cabeça. O atleta curitibano se levanta e tenta novamente um pulo para dar o pisão em Arona que está no chão; na segunda tentativa, *Shogun* entra direto com o pretendido golpe e Arona consegue desviar a

---

<sup>1</sup> Extinto evento de artes marciais mistas nascido em 1997 no Japão. As lutas eram disputadas em ringues e por muito tempo foi o principal evento de MMA do mundo contando com audiências que chegavam a 70.000 espectadores. Em 2007 a Zuffa LLC, proprietária do UFC, comprou o PRIDE da Dream Stage Entertainment e o extinguiu.

<sup>2</sup> Equipe de *Mixed Martial Arts* oriunda do Rio de Janeiro e especializada em Jiu-jitsu.

<sup>3</sup> Golpe traumático onde o lutador que está em pé tenta golpear o oponente que está no chão com um ou ambos os pés na região da cabeça.

<sup>4</sup> Termo utilizado para descrever o chute que um lutador aplica na cabeça de seu adversário, fazendo um movimento semelhante a um goleiro de futebol cobrando um tiro de meta.

<sup>5</sup> Posição em pé onde o lutador se segura/apoia em seu oponente exercendo força física ou não com o intuito de controlar o adversário.

<sup>6</sup> No Jiu-jitsu, posição em que o atleta mantém o adversário entre suas pernas ou tenta controlá-lo com as mesmas.



cabeça, mas fica por baixo de Shogun que aplica 5 socos consecutivos no rosto de Arona que acaba “apagando”<sup>7</sup>. Aos 2 minutos e 54 segundos do primeiro round, Maurício “Shogun” Rua derrotou Ricardo Arona com uma atuação bastante notória se tornando o grande campeão meio-pesado do Pride GP 2005.

Era o ápice da equipe curitibana em franca ascensão juntamente com uma das maiores rivalidades na breve história da modalidade.

O *Mixed Marcial Arts* (MMA) é o termo que corresponde à denominação mais recente da prática corporal que em determinado momento ficou conhecida como Vale-tudo. Esta prática foi denominada assim porque qualquer atleta, de qualquer modalidade de luta, poderia lutar; e não, como o próprio termo sugere, que vale fazer de tudo durante a luta, ou seja, é completamente desregrada. Vale a ressalva de que a maioria das críticas dos meios de comunicação e também acadêmico em relação ao excesso de violência neste esporte se apoia na representação simbólica (negativa) que o termo Vale-tudo gera, mais do que em um estudo sistemático das suas regras e aplicações.

Se nos torneios de Vale-tudo (conhecidos também como interestilos) o objetivo era provar qual a melhor modalidade de luta, no MMA a busca passa a ser pelo melhor lutador. Seja como for, essa transição não linear tem dado lugar a configuração de uma prática corporal cercada por regras e interfaces civilizatórias, passando por um processo de esportivização. Conforme analisou Pellanda (2008) em seu estudo sobre a esportivização do MMA, a complexificação de regras à prática visou não só uma maior integridade física dos atletas, mas “a venda de um produto mais aceitável e civilizado para o público” (p.2). Agora esse atleta/lutador passa a treinar diversas modalidades a fim de ser “o mais completo” dentro do mundo das lutas. Portanto é comum ver um atleta de *Mixed Martial Arts* utilizar técnicas corporais originárias de diversas modalidades de lutas<sup>8</sup>, tais como o Jiu-Jítsu, Judô, Boxe, Muai Thay, luta Greco-romana, Karatê, Kung fu, dentre outras, numa mesma luta.

No cenário nacional vigora o pressuposto de que a história do MMA no país está intimamente ligada à família Gracie (AMADIO, 1987; GRACIE, 2008; GRACIE,

---

<sup>7</sup> Corresponde ao nocaute: situação onde o lutador fica impossibilitado por um período especificado de se levantar do chão após um golpe.

<sup>8</sup> Na presente pesquisa os termos “lutas”, “artes marciais” e “esportes de combate” serão utilizados como equivalentes embora exista uma discussão sobre os limites e as fronteiras em relação a estes conceitos. Para maiores esclarecimentos ver CORREA, W. Produção Acadêmica em lutas, artes marciais, e esportes de combate. Motriz, Rio Claro, v.16, n.1, p.01-09, jan./mar. 2010.

2010; PELIGRO, 2003) remetendo à versão de quando o patriarca da família aprendeu os princípios do Jiu-jítsu com o professor japonês Mitsuyo Maeda e dessa forma os Gracie foram adaptando as regras e golpes aprendidos até desenvolver um estilo próprio de luta.

O itinerário dessa memória sugere que os integrantes da família Gracie criaram nos Estados Unidos no ano de 1993 um evento interestilos: *The Ultimate Fighting Championship*, mais conhecido pela sua sigla UFC. Segundo as memórias de Hélio Gracie (irmão mais novo de Carlos) contidas em seu livro *Gracie Jiu-jitsu* de 2010, tal evento tinha a finalidade de demonstrar que o sistema desenvolvido pela família seria o mais eficaz dentro dessa competição. A partir dessas narrativas percebe-se o esforço em demonstrar a suposta superioridade do sistema de técnicas de imobilização desenvolvido pelos Gracie ao surgimento e popularização do evento UFC. Senão vejamos a passagem retirada do livro *Gracie Jiu-jitsu*:

A história das artes marciais pode ser dividida em duas eras: antes do UFC e depois do UFC. Em 1993, ao criar o UFC e anunciar: "Não existem regras", Rorion marcou a história das artes marciais de uma forma sem precedentes.

O evento chocou o mundo ao apresentar dois homens numa arena parecida com uma jaula, sem luvas, sem limite de tempo e com liberdade para bater um no outro sem restrições. Talvez mais chocante ainda do que o cenário e as regras do combate tenha sido a comprovação da superioridade do nosso sistema, que permite ao homem fraco derrotar o mais forte. Com essa metodologia, qualquer Davi derrotaria um Golias. (GRACIE, 2010).

O uso de termos fortes e sentenças emblemáticas como "eras", "sem precedentes", "superioridade" sugere a vontade de marcar posição. De fato tal expectativa tem logrado êxito na veiculação de uma memória sobre o MMA no Brasil.

Ao longo de várias edições o evento foi se complexificando com várias regras adicionais (divisão por peso, uso de luvas, limite de tempo, entre outras) e da mesma forma popularidade, publicidade e lucratividade.<sup>9</sup> Atualmente suas transmissões em Pay Per View chegam a ultrapassar a "nobre arte", o Boxe, e o tradicional Wrestling profissional em número de telespectadores. Tornou-se, então, nos últimos tempos, uma verdadeira febre mundial e uma das mais lucrativas

---

<sup>9</sup> Sobre dados das apostas do UFC ver: <http://www.entrecoisas.com.br/2012/08/cassino-da-porrada-o-lucrativo-mundo.html>.

indústrias no mundo dos esportes.<sup>10</sup> Estes fenômenos, suas imbricações e suas consequências sociais e culturais no campo das práticas corporais merecem maior atenção.

Mesmo no âmbito nacional com o aparecimento de eventos, aumento do espaço em canais de televisão, a quantidade de academias e lutadores demonstram o sucesso do *Mixed Martial Arts* no país<sup>11</sup>.

Segundo uma versão contida nos relatos de integrantes da família Gracie muitos lutadores de Jiu-Jítsu do Rio de Janeiro tinham o hábito de desafiar lutadores de outras modalidades (Luta Livre, Capoeira, Muay Thai) para provar uma suposta superioridade de suas técnicas. (GRACIE, 2010). Nesse sentido houve um confronto no ano de 1955 de Hélio Gracie, representando o Jiu-jítsu, e Waldemar Santana da Luta Livre. O confronto teve duração de três horas e quarenta minutos sem intervalos, estabelecendo o recorde mundial como o mais longo da história. (GRACIE, 2010). Vários outros confrontos entre lutadores de estilos diferentes foram acontecendo e ganhando visibilidade pela imprensa, quase sempre pela repercussão violenta e pela forte crítica popular em cima dos jovens praticantes rotulados como *pitboys*<sup>12</sup>.

Seguindo esse ímpeto de legitimação de um determinado estilo de luta como sendo melhor que os demais, esses confrontos entre estilos de lutas não ficaram restritos ao Rio de Janeiro, embora essa versão que localiza os Gracie como precursores da história do MMA nacional tenha lugar cativo na literatura jornalística, especializada e mesmo na tímida produção acadêmica até a realização desta pesquisa.

Simultaneamente na capital paranaense ocorreram experiências significativas que evocam sujeitos e sentidos que escapam à narrativa dos Gracie. É sobre essas experiências que este trabalho pretende se deter. Tal movimento e suas

---

<sup>10</sup> Entrevista com o americano Lorenzo Fertitta, sócio do UFC ver: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0999/noticias/pancadaria-lucrativa>.

<sup>11</sup> Alguns números do evento UFC realizado no Rio de Janeiro em 2011 ver: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1707201111.htm>.

<sup>12</sup> Termo utilizado pela primeira vez pelo jornal *O Globo* de 26 de março de 1999 ao noticiar ataques violentos ocorridos no Rio de Janeiro entre grupos de jovens que praticavam artes marciais. Para saber mais sobre o assunto ler CARDOSO, B. V. BRIGA E CASTIGO: Sobre *Pitboys* e “Canais de Fofoca” em um Sistema Acusatório. Rio de Janeiro, 2005.

repercussões ficam soterrados diante da generalização da experiência da narrativa Gracie e o *capital simbólico*<sup>13</sup> que angariou, pelo menos em períodos anteriores.

Para a formalização das experiências e suas repercussões, o presente estudo pauta-se na investigação a partir do conceito de memória, tal como alguns autores das Ciências Sociais e Humanas a tem caracterizado.

Segundo o sociólogo francês Maurice Halbwachs a memória é uma construção ao mesmo tempo individual e social, onde o indivíduo tende a recordar aquilo que considera importante para seu grupo. (HALBWACHS, 2006). Dessa forma, a ideia de pertencimento e de identidade a um determinado grupo pode gerar tensões entre grupos de interesses políticos/sociais distintos, uma vez que o direito de narrar a história é determinado pela memória que prevalece. (POLLAK, 1992).

A partir dessa noção de uma memória que prevalece, busca-se compreender como as memórias dos sujeitos envolvidos representam os eventos que se ligam a trajetória de desenvolvimento do Vale-tudo/MMA na cidade de Curitiba. Existem fissuras ou nuances nessas memórias em relação a versões já consagradas no campo das lutas no Brasil? E mais especificamente, existem divergências nas memórias de diferentes sujeitos e grupos que, de alguma forma, estiveram envolvidos nas experiências de desenvolvimento do Vale-tudo/MMA em Curitiba? Quem eram esses sujeitos e grupos? E quais são as suas memórias?

A partir desse conjunto de questões pretende-se investigar possíveis divergências e/ou disputas em torno de memórias relacionadas aos primórdios do Vale-tudo/ MMA em Curitiba, e averiguar de que forma essas possíveis divergências e/ou disputas (se é que existem) estruturam determinadas configurações de poder.

O objetivo central deste trabalho é, portanto, identificar e analisar como se manifestam as memórias dos sujeitos envolvidos com o processo de desenvolvimento do Vale-tudo/*Mixed Martial Arts* (MMA) na cidade de Curitiba. Além disso, pretende-se ainda pesquisar se há fissuras ou nuances nessas narrativas dos sujeitos com a de versões já consagradas e dessa forma investigar possíveis disputas em torno das memórias relacionadas à origem do Vale-tudo/MMA em Curitiba.

A presente pesquisa não pretende assinalar a gênese desse movimento, porque reconhece a existência de arbitrariedades em demarcar um ponto inicial em

---

<sup>13</sup> Conceito utilizado pelo sociólogo Pierre Bourdieu para se referir ao que vulgarmente chamamos de prestígio e/ou honra de determinado grupo ou indivíduo perante a sociedade.

um processo tão complexo como esse, mas pretende tratar de um conjunto de experiências e eventos que se inscrevem na trajetória de desenvolvimento do Vale-tudo/MMA em Curitiba.

A partir dos referenciais teóricos de Maurice Halbwachs, David Lowenthal, Jacques Le Goff, Michael Pollak, Alessandro Portelli e Paul Thompson o presente estudo pretende analisar as relações entre as memórias (individual, coletiva, histórica) e identidade (pertencimento, construção).

Os motivos que levaram a realização desta proposta de pesquisa encontram-se na sua viabilidade (o problema levantado pode ser resolvido por meio da pesquisa), relevância (capacidade de produzir conhecimentos novos), novidade (adequado ao estágio atual da evolução científica), exequibilidade (pode levar a uma conclusão válida) e oportunidade (pode atender a interesses particulares e gerais). (MARCONI & LAKATOS, 2000).

Verifica-se que existe uma insuficiência de pesquisas referentes a tal temática e as poucas relacionadas à prática do Vale-tudo/MMA são geralmente de cunho quantitativo e estão relacionadas ao desempenho de atletas, programas de treinamento ou ainda aos aspectos físicos e biológicos da prática em geral. Esses são indícios ainda da prevalência das Ciências Biológicas no campo da Educação Física.

Por isso, devido principalmente ao impacto que tais práticas têm produzido na sociedade, considera-se urgente e importante que tal fenômeno seja compreendido também pelas ferramentas teóricas e investigativas das Ciências Sociais e Humanas, propósito para qual este trabalho pretende prestar contribuição.

Os eventos de artes marciais mistas, em especial o UFC, tornaram-se uma das indústrias mais lucrativas no mundo dos esportes e teve nos últimos tempos uma progressiva adesão de fãs e praticantes tornando-se cada vez mais uma prática popularizada por um lado e também alvo de críticas ferrenhas de outro. O MMA possui particularidades em sua prática que “ultrapassam barreiras culturais e linguísticas.” (AWI, 2012, p.21). É, sem dúvida, um tema polêmico, complexo e de atual destaque na sociedade, portanto merece ser fruto de pesquisas acadêmicas.

Por fim, o tema selecionado reflete o ambiente da pesquisadora, que desde criança é amante e praticante de lutas, ou seja, a empatia entre o tema e o indivíduo que vai desenvolvê-lo será considerada aqui como um ponto importante para a qualidade desta pesquisa.

## 1.1 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo de cunho qualitativo e histórico. Quanto à forma de abordagem do problema, Oliveira (2007, p.37) ressalta que na pesquisa qualitativa há “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

A técnica utilizada será a História Oral e como Verena Alberti (2005), acredita-se neste estudo que a especificidade desta técnica vai além do ineditismo de angariar informações ou do preenchimento de lacunas deixadas pelos registros escritos. Segundo essa autora, a “peculiaridade da história oral decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”. (ALBERTI, 2005,p. 5.)

A modalidade escolhida da História Oral foi a temática. A história oral temática privilegia a coleta de depoimentos orais, buscando esclarecer um assunto específico, estabelecido previamente. A narrativa não abarca a totalidade da vida da pessoa, mas apenas aspectos da vivência relacionados ao objeto estudado, os quais ajudam a refletir acontecimentos ou problemáticas do passado. O tema é “extraído” da vida do entrevistado, a fim de se compreender sua participação num determinado evento. Os detalhes da vida pessoal do entrevistado interessam apenas quando relacionados à temática investigada. Nessa abordagem, a história oral é concebida como uma técnica: os depoimentos orais são confrontados com outros tipos de códigos e cotejados com informações captadas de maneiras diferenciadas.

Dessa forma entende-se que não existe uma verdade única em torno de eventos e acontecimentos, ou uma única história a ser contada, mas versões que se ligam diretamente as experiências sociais e históricas de sujeitos que participaram desses eventos, que nem por isso são menos verdadeiros. Segundo THOMPSON (1998) a História Oral é “uma história construída em torno de pessoas” e esta é capaz de escrever uma das versões sobre a realidade, mas de modo nenhum a única. Considerando as relações de poder construídas pela e na sociedade, entende-se que:

A realidade é complexa e multifacetada e um mérito da História Oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista. (THOMPSON, 1998).

A metodologia proposta não pretende fornecer, somente, informações sobre o passado, mas e, sobretudo buscar a subjetividade dos narradores na recuperação do vivido, segundo sua concepção. (PORTELLI, 1997). Não é a memória por si só que interessa ao investigador, mas o indivíduo, o sujeito, o modo como ele negocia, ressignifica seu passado a fim de criar-se, de identificar-se:

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (PORTELLI, 1997, p. 15).

A História Oral ao valer-se da memória estabelece vínculos com a identidade individual e coletiva. Essa memória, segundo Le Goff (2003), conserva informações permitindo ao indivíduo atualizá-las e reinterpretá-las, salvando o passado, servindo para o presente e para o futuro. Importante salientar que a memória, com suas falhas, distorções e inversões, longe de representar um problema, constitui um elemento de análise.

É através da entrevista que a História Oral se materializa. Tomando em questão esse pressuposto, foram realizadas entrevistas semi estruturadas com um roteiro pré-estabelecido com perguntas abertas dando ao entrevistado liberdade para discorrer sobre o tema. As entrevistas não servem como mero ato de extrair informações, mas pretendeu-se abrir o espaço para a narração dos sujeitos e dessa forma sua voz foi ouvida. (THOMPSON, 1998).

A escolha dos entrevistados foi guiada pelos objetivos desta pesquisa, portanto convencionou-se selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema ora proposto e que puderam fornecer depoimentos significativos. Já a prática de apreensão de narrativas foi realizada através de um gravador de voz digital da marca SONY, modelo IC RECORDER, destinado a recolher os testemunhos para, posteriormente, haverem as transcrições e análises dos

processos sociais de modo a facilitar o conhecimento do meio imediato. (ALBERTI, 2005).

Segundo ALBERTI (2005), a escolha dos entrevistados não deve ser orientada por critérios quantitativos, mas pela posição do entrevistado no grupo e pelo significado de sua experiência. Para ela, o processo de escolha aproxima-se do que ocorre na sociologia em que os informantes não são tomados como comunidades estatísticas, mas como unidades qualitativas, em relação ao tema estudado (p.32). E esse sujeito que presta um relato não é a fonte. Podemos chamá-lo de depoente/entrevistado/relator. Essa pessoa é quem nos ajuda a construir o documento sonoro. A fonte, nesse caso, é a palavra que adquire um caráter documental, por estar convertida em documento sonoro gravado.

Quanto ao tratamento das informações para o trabalho de transcrição, foram fundamentais as recomendações presentes nos estudos de Meihy (1998; 2011) e Alberti (2004; 2005).

Nesta pesquisa, realizamos, portanto, entrevistas de História Oral temática, que foram gravadas e transcritas, seguidas de análise e interpretação das informações, buscando as múltiplas visões e a percepção processual e histórica dos acontecimentos e das experiências vividas.

Todos os entrevistados leram e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO) antes da realização das entrevistas.

Tomando os aspectos operacionais da metodologia, foram realizadas 11 (onze) entrevistas, onde a abordagem dos sujeitos e a condução das entrevistas foram orientadas por um roteiro semi estruturado a partir das questões:

- 1) Você é natural de Curitiba? Se não, há quanto tempo está aqui?
- 2) Conte-me sua história nas lutas. Qual(s) modalidade(s) teve envolvimento, quais professores, tempo de prática.
- 3) Qual sua relação atual com o Vale-tudo/ MMA?
- 4) O que você lembra a respeito do início do Vale-tudo/MMA na cidade de Curitiba?
- 5) Você conhece ou já ouviu falar sobre versões diferentes desta?
- 6) E quem eram os sujeitos e grupos envolvidos no surgimento do Vale-tudo/MMA na cidade?



- 7) Conte-me como era a relação entre esses sujeitos e grupos citados anteriormente. Onde eles se encontravam, quais lugares frequentavam?
- 8) Fale-me sobre o processo de difusão/popularização do Vale-tudo/MMA na cidade:
- 9) Em seu entendimento, existem diferenças entre o Vale-tudo e o *Mixed Martial Arts* praticados em Curitiba?

## 2 POR DENTRO DOS EIXOS INVESTIGATIVOS: OS INTINERÁRIOS DA PESQUISA

### 2.1 AS ENTREVISTAS E OS ENTREVISTADOS

Frente a frente com os sujeitos que se dispuseram a ser entrevistados... esse é, de fato, um momento delicado. Até chegar esse momento do olho no olho com o entrevistado antecedeu-se a etapa de selecioná-lo dentre tantos outros sujeitos que também poderiam fazer parte do estudo. Como, portanto se elegeu pertinente ouvir as suas memórias frente aos demais? Após essas eleições vem a fase de entrar em contato para agendar a entrevista. Convém considerar que naquele exato momento estamos ocupando o tempo desse sujeito que deixa de lado suas funções e compromissos para nos receber e dividir suas memórias.

Finalmente, a concretização da entrevista. E ao inicia-la como fazê-la fluir? Como priorizar a fala do sujeito? Como não sobrepor-se à sua voz? Como cuidar para não moldá-la, domesticá-la?

Uma entrevista de História Oral desencadeia uma série de sentimentos, seja no “instante da entrevista”, seja no reviver da memória. A cada entrevista a sensação de ir “pegando o jeito”, de ir ficando mais a vontade com o processo, contudo algumas situações embaraçosas e o envolvimento com algumas histórias foram inevitáveis. Ao narrar sua vinda para Curitiba o fundador de uma das academias de musculação mais antigas do estado: o Ginásio Hércules, o senhor Bernardo Herculano Milléo, descreveu as dificuldades que a família enfrentou para se estabelecer na cidade e em seguida inicia um choro soluçado que demorou a passar:

[...] meu pai morreu de problema de rim, porque naquele tempo morria de problema de rim e daí ela (mãe) veio pra Curitiba e minha vó me criou até os meus oito anos de idade. Quando eu tinha oito anos minha mãe mandou me buscar porque ela tinha casado com o meu padrasto Julio Lembergue que por sinal era um primo da minha mãe também, era um primo [choro] É muito difícil, porque nós passamos fome. (MILLÉO, 2012).

A entrevista foi brevemente interrompida para que o entrevistado pudesse se acalmar e em seguida a conduzi a entrevista para perguntas relacionadas ao envolvimento direto do sujeito com o mundo das lutas.

A entrevista é, assim, uma interação de afetos, na qual somos afetados e afetamos. Esse acontecimento que é a entrevista possibilita uma relação que em seu ato anuncia a possibilidade de outras novidades e conhecimentos. Nesse sentido, lembrar é também ressignificar experiências passadas e presentes, portanto, no próprio ato da entrevista existe a possibilidade de realização da aprendizagem, seja para o pesquisado, seja para o pesquisador.

A entrevista em História Oral se faz, portanto, sobre o fenômeno humano, com o humano e esse processo nos coloca a lembrar do humano que caracteriza nosso objeto, tendo a capacidade de evocar a nossa humanidade e também de nos humanizar.

### 2.1.1 Transcrição

Após todas as entrevistas gravadas, ocorreu a fase de transcrição das entrevistas que consistiu em passar o conteúdo das entrevistas da fase oral para escrita. Essa etapa foi, sem dúvida, a mais morosa, demandando bastante tempo e esforço da pesquisadora.

A transcrição, segundo Meihy (2011), é a primeira fase de um longo processo de escuta e compreensão da entrevista, que é a tarefa da passagem mais fiel possível, de um texto oral para um texto escrito, e de novo exige delicada cautela e respeito ao sujeito da fala. A escuta e a transcrição da fala é necessária e árdua. Mas isso permite iniciar o trabalho de análise e interpretação por parte do pesquisador, como uma das interpretações possíveis e assim cumpre a função de revelar as condições sociais e os condicionamentos dos quais o autor da narrativa é produto, sua trajetória, sua formação, suas experiências, vivências e visão de mundo.

Uma preocupação durante a fase de transcrição era a de garantir a fidelidade em relação a riqueza e a variação linguística que os sujeitos da pesquisa expressaram, objetivando, dessa forma, manter a qualidade da performance oral nas palavras escritas.

Utilizou-se fragmentos das entrevistas como Portelli (2009), quando ele afirma que usou fragmentos de extensão variada, por ser impossível usar integralmente

todas as entrevistas por ele realizadas porque a História Oral não é meramente uma coleção de histórias, mas também sua interpretação e representação, que podem ser múltiplas, tantas quantos leitores houver.

### 2.1.2 Análise das entrevistas

É importante ressaltar que a análise de conteúdo permite ultrapassar as noções de senso comum e, conseqüentemente, objetivar a pesquisa. Possibilita igualmente a reflexão incessante sobre as escolhas realizadas, teóricas e metodológicas, e sobre os dados obtidos no sentido de ir além da mera descrição.

A utilização do gravador como recurso para captação das entrevistas evita que as atenções do entrevistador se dividam entre o entrevistado e as anotações escritas, permitindo observação mais criteriosa mediante reações, gestos e expressões do entrevistado na medida em que as temáticas são abordadas. Desse modo, pode-se afirmar que a etapa após a entrevista é a mais difícil, pois além de transcrevê-la ou de escutá-la, é necessário interpretá-la. Para isso, o pesquisador deve ficar atento em utilizar seus procedimentos adequados neste leque variado de alternativas.

O texto da entrevista de História Oral, quando finalizado, torna-se um documento em si, portanto, deve ser interpretado e analisado como se faria com qualquer outra fonte histórica, ainda que considerando as especificidades do documento de origem oral. Ele não é um fim, mas um meio.

Os dados derivados das entrevistas não são simplesmente peças de informação precisas ou distorcidas, mas fornecem ao pesquisador meios de analisar os modos pelos quais as pessoas percebem os eventos e as relações e as razões que oferecem para assim fazê-lo. Todavia, elas são mediadas não apenas pelo entrevistado, mas também pelo entrevistador.

### 3 ESTUDO DA MEMÓRIA

O professor de Antropologia Joël Candau no prefácio de seu livro *Memória e Identidade* (2012) apresenta a seguinte consideração sobre o estudo da memória:

Somos sempre condenados ao tempo, condição a qual não escapa nenhuma existência. [...] O fluxo do tempo, por essa razão, ameaça os indivíduos e os grupos em suas existências. Como parar esse tempo devastador, essa corrida desabalada, como evitar seu trabalho incoerente, indiferente, impessoal e destruidor, como se livrar da ruína universal com a qual ameaça toda a vida? (CANDAU, 2012).

Longe de apresentar uma fórmula mágica, o autor apresenta a memória, o revisitar as lembranças como um recurso capaz de nos dar essa ilusão de imortalidade.

A memória pela qual se interessa o presente estudo é aquela fruto do trabalho consciente e sistemático de recuperação das lembranças, ou seja, o processo de rememoração do que ocorreu no passado. Embora o ato de lembrar remonte ao passado vivenciado pelo sujeito, é impossível reviver os eventos do passado tal como foram vividos. A lembrança, segundo Halbwachs, é “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifesta já bem alterada” (2006, p. 71). Portanto o estudo da memória vai muito além de fornecer elementos para interpretações do passado, mas também para construção de projetos de preservação ou modificação do futuro. Além disso, o ato de lembrar configura-se como um processo seletivo. Nesse caso, ao evocar suas lembranças sobre um fato, o indivíduo pode reelaborar, refletir, julgar e ressignificar as experiências vividas. Deste modo entende-se que a memória é seletiva, uma vez que nem tudo fica gravado na lembrança. Segundo Pollak:

A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado [...] sofre flutuações [...] é fenômeno construído [...] Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (POLLAK, 1992, p. 4-5).

Maurice Halbwachs considera a memória fruto da construção social, portanto, as lembranças são sempre coletivas. Os indivíduos lembram, recordam o que consideram pertinente ao grupo social a que pertencem. Ao afirmar que a memória individual está conectada à memória construída coletivamente pelos grupos sociais, Halbwachs não nega a possibilidade da memória individual. No entanto, esta se encontra enraizada no interior dos quadros sociais a que pertence o indivíduo. Halbwachs (2006, p. 51) assinala que “cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupa”. Esse lugar também muda conforme as relações que estabelecemos com outros contextos. A sequência de recordações “explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos”. São os indivíduos que lembram, mas é o grupo que define aquilo que deve ou não ser lembrado. O indivíduo participa então de dois tipos de memória (individual e coletiva) e isso se dá na medida em que “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas que toma emprestado de seu ambiente”. (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Alessandro Portelli também percebe o caráter social e cultural da memória como resultado da interação do indivíduo com a sociedade, todavia, essa apreensão de experiências concretas através do ato de lembrar, de rememorar, é pessoal, é subjetiva. Por isso a existência de semelhanças, distinções, ou mesmo contradições em relatos e depoimentos acerca de um mesmo acontecimento não devem ser encarados como erro ou peculiaridade para o estudo da memória. Pelo contrário, seu caráter individual impede a possibilidade da existência de memórias exatamente iguais. (Portelli, 1997, p. 127).

David Lowenthal explicou que “como forma de consciência, a memória é total e intensamente pessoal (...) [e] transforma acontecimentos públicos em experiências pessoais” (p.78). Assim, os narradores ao falarem sobre o que consideram um possível início do Vale-tudo/MMA na cidade de Curitiba estão expondo em primeiro lugar suas próprias percepções. O que relembaram é, sobretudo, seu passado, e, mais que isso, sua elaboração sobre o seu passado. Neste caso, é necessário evitar o equívoco de tentar compreendê-las hierarquicamente. Não cabe asseverar qual é mais correta ou importante. Ou mesmo entendê-las como algo que se complementa para formar um todo. A memória, assim como “a narrativa não tem fim, não promete

uma explicação. Seu final parece estar sempre em aberto, pois a própria vida é suscetível a um novo prolongamento”. (Lowenthal, 1998, p.78).

Nessa perspectiva, memória e identidade não são essências de uma pessoa ou de um grupo, mas elementos constituintes de um complexo trabalho de elaboração, que se realiza por meio do confronto de “valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (Pollak, 1992, p. 5).

Compreender a memória como um processo de construção social, traçado com base na pluralidade de interesses ajuda a entender as narrativas como elementos estruturantes de sentidos e significados, da busca de identidade e de coerência concebidos no diálogo estabelecido entre entrevistador e entrevistado. Ajuda também a compreender os lapsos, esquecimentos (voluntários ou involuntários), ênfases e distorções como aspectos que, antes de indicar falseamentos, são gerados ativamente e criativamente pela memória e pela imaginação num esforço para dar coerência a momentos relevantes da vida pessoal do entrevistado e da história que conta.

As lembranças neste estudo não podem ser consideradas pequenos fragmentos resgatados do passado à espera de uma interpretação. Pelo contrário, são narrações feitas a partir do que está no presente, produzidas a respeito de assuntos selecionados pelas memórias e que são elaboradas por indivíduos que têm pretensões e expectativas sobre o futuro. Isso implica que esses testemunhos são subjetivos, produzidos ao critério de invenções e reinvenções de lembranças. Nesse sentido, a memória também é uma construção problemática/tensa do passado.

Como afirma David Lowenthal (1998, p. 67), não podemos verificar o passado pela observação ou pela experimentação. Diferentemente dos lugares geograficamente remotos que poderíamos visitar se fizéssemos um esforço, o passado está além do nosso alcance. Fatos presentes conhecidos apenas indiretamente poderiam, a princípio, serem verificados; fatos passados, por sua própria natureza, não o podem. E por estar além do nosso alcance é que a imagem do passado é fugidia, algo muitas vezes entre a ficção e a realidade. Para não parecer fictícia a lembrança precisa ser partilhada. E foi através de entrevistas que os entrevistados dividiram suas lembranças.

### 3.1 O REGISTRO DAS MEMÓRIAS: A CONCRETIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A ordem das entrevistas foi orientada, primeiramente, pela disponibilidade dos sujeitos e no transcorrer da pesquisa, e dando lugar para que as memórias aparecessem a medida que iam se concretizando, foram surgindo outros nomes, como foi o caso do senhor Bernardo, Altair Oliveira e Enio Rocha.

O primeiro sujeito entrevistado foi o *annoucer* de eventos de luta Francisco Paulo Joly, mais conhecido como Xicão Joly. O ambiente da entrevista foi uma ampla sala do Ginásio Paraná Clube localizado na Av. Presidente Kennedy onde havia acabado de acontecer a pesagem para um evento de MMA que ocorreria no dia seguinte.

O segundo entrevistado foi o Mestre de Muay Thai Fabio Noguchi líder da equipe Noguchi's. Sua academia encontra-se na rua Marechal Floriano Peixoto, região central da capital paranaense e por não dispor de um local separado para a realização da entrevista, como um escritório, por exemplo, resolvemos nos posicionar num canto do tatame mesmo.

Na sequência aconteceu a entrevista com o também faixa preta e mestre de Muay Thai Rafael Pereira, líder da equipe Thai Naja. Sua academia também fica no movimentado centro da cidade e a entrevista aconteceu numa espécie de cozinha da academia.

A quarta entrevista foi com Sérgio Felisberto, o Kid Muzenza representante da capoeira Muzenza. A academia Muzenza está localizada na Rua Marechal Deodoro na região central da cidade no mesmo endereço há anos, possivelmente a mais antiga da cidade.

No mesmo dia aconteceu a entrevista com o mestre de Muay Thai Edinei Carlos Pedroso em sua academia World Strong também localizada na região do centro de Curitiba.

A academia Muzenza ainda foi palco de mais uma entrevista, dessa vez o entrevistado foi o fundador da academia Antonio Carlos de Menezes, conhecido como mestre Burguês.

Mudando de modalidade fui atrás de alguns representantes do *Telecatch*, encontrei o senhor Bernardo Herculano Milléo, responsável pela fundação do Ginásio Hercules, um dos locais pioneiros de treinamento de musculação no Paraná. Ele foi amigo e colega de treino de Rodalen dos Santos, o Cabeleira, antigo lutador



de *Telecatch* da década de 50 e que colaborou com o início das apresentações em forma de espetáculos que aconteceram na cidade em circos e ginásios.

No mesmo dia e no mesmo local aconteceu a entrevista com o ex lutador de *Telecatch* Altair José de Oliveira, dono da academia Ben-hur, atualmente a única academia que oferta a modalidade do *Telecatch* no estado.

Depois de algumas tentativas foi efetivada a entrevista com o líder do grupo Chute Boxe, mestre Rudimar Fedrigo. A entrevista foi realizada em um bem montado escritório dentro do principal centro de treinamento de atletas da equipe localizado no bairro Boqueirão, zona sul da cidade.

O ex-lutador, professor de capoeira e empresário Carlos Roberto Alves, mais conhecido como Kunta Kintê também teve suas lembranças contempladas na pesquisa. O local escolhido por ele foi uma casa simples localizada em uma das principais ruas do movimentado bairro do Sítio Cercado, zona sul da cidade.

Por fim, Enio Rocha, ex-lutador e professor de *Telecatch* da década de 70 foi o último sujeito a ser ouvido.

Os narradores articularam seus enredos a partir dos usos de suas lembranças sobre o que consideram o início do Vale-tudo/MMA na cidade, descrevendo o que recordam sobre situações que presenciaram ou que conhecem por meio de outros envolvidos. Desse modo muitas histórias foram narradas evocando lembranças que se consolidam tomando de empréstimo relatos produzidos por outras pessoas, confirmando as próprias memórias dos entrevistados o que lhes garantia continuidade e maior confiança. Partilhar e validar lembranças torna-as mais nítidas e estimulam sua emergência; acontecimentos que somente nós conhecemos são evocados com menos segurança e mais dificuldade. (Lowentha, 1998, p.81). Este tipo de memória também pode ser chamado de acontecimentos vividos “por tabela”, ou seja, vividos pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer. (Pollak, 1992, p.04).

A maneira como os entrevistados o fizeram, no entanto, permite que possamos caracterizar três grupos, que, apesar de não contraditórios, se diferenciam em sua constituição. O primeiro – sem a pretensão de articular qualquer hierarquia na ordem das descrições – é formado por aqueles que organizaram suas memórias em torno da relação que estabeleceram considerando os espetáculos de *Telecatch* da década de 60,70 como sendo um embrião do que posteriormente ficou conhecido como Vale-tudo/*Mixed Martial Arts*.

Em outro grupo os entrevistados construíram seus relatos relacionando a vinda para Curitiba do lutador conhecido como Rei Zulu seguido de seus desafios contra lutadores locais como sendo um possível embrião do MMA na cidade.

Um terceiro grupo de entrevistados, ao narrar suas lembranças sobre a temática do Vale-tudo/MMA na cidade, se fundamentou na perspectiva de suas experiências ligadas a um evento de luta em particular ocorrido no início da década de 90 como o primeiro Vale-tudo na cidade de Curitiba.

O que une os sujeitos são aspectos de suas lembranças, pois todos estão, de alguma forma, relacionados à temática das lutas, em especial ao movimento do Vale-tudo/MMA. Esta rede de depoentes foi sendo construída e se expandindo a partir da indicação, pelos narradores, de outras pessoas que acreditavam ter fortes memórias sobre o desenvolvimento da prática do Vale-tudo/MMA na cidade. Um a um, de acordo com sua timidez ou irreverência, contaram suas memórias de modos diferentes, porém todas vivas e recriadas na oralidade.

## 4 SOBRE AS ORIGENS DO VALE-TUDO/MMA EM CURITIBA: PERCURSOS E FRAGMENTOS DA MEMÓRIA

### 4.1 OS ARTISTAS DO RINGUE: OS LUTADORES DE *TELECATCH*

O *Telecatch* foi um dos principais pilares da cultura de massa televisiva.<sup>14</sup> Sua popularidade áurea ocorreu nas décadas de 1960 e 70. A luta livre nacional teve sua estreia em 1959 pela TV Tupi e foi transmitida pelas TVs Globo, Record, Bandeirantes, Cultura, e Gazeta.

O ex-lutador Ênio Rocha, relata quase visualizar novamente uma luta de *Telecatch* a sua frente, lembrando com empolgação alguns dos golpes que um lutador em sua melhor forma deveria oferecer ao público durante uma luta: “Era bonito, tinham golpes sensacionais. Tinha tesoura, tinha salto do anjo onde subia no canto do ringue e voava de costas.”.

Com técnicas acrobáticas de encher os olhos do público que misturavam luta, circo e teatro, o *Telecatch* tornou-se muito popular no país nos anos 1960 e 70.

Na década de 1970 as transmissões via satélite eram pouco comuns e as emissoras de TV apostavam em produções locais. O Canal 12 de Curitiba apresentava nos sábados à noite seu programa de *Telecatch*. As lutas eram narradas pela voz de Wilson Brustolin. Os juízes também eram representados em dois tipos: havia os “honestos” e os “ladrões”. (MILLÉO, 2012) .

O mestre de Muay Thai Fábio Noguchi também recorda esse auge de popularidade: “[...] o programa *Telecatch* alcançou grande popularidade com índices de audiência marcantes no Canal 12, na Rua Emiliano Pernetta e depois foi para o Castelo do Batel, quando a televisão se transferiu para lá” (NOGUCHI, 2012).

Foi montado um barracão que servia de estúdio e nos sábados à noite para as apresentações do *Telecatch* também foi montado um ringue profissional e foram erguidos dois lances de arquibancadas que eram rapidamente lotados. No final da tarde a fila se formava e o público ficava ali esperando varias horas até o programa começar (ROCHA, 2012).

---

<sup>14</sup> Sobre a popularidade do *Telecatch* no país nas décadas de 1960 e 70 consultar: <http://paranaonline.com.br/editoria/esportes/news/622331/?noticia=TELECATCH+RESISTE+E+SONHA+EM+VOLTAR+A+REUNIR+MULTIDOES>

Nesse espaço se apresentavam lutadores como Ted Boy Marino, Mister Argentina, Bala de Prata, Tigre Paraguaio, Big Boy, Verdugo, Fantomas, La Múmia, Jóia, o Psicodélico, Metralha, Átila, El Russo, Brasão, Falcão, Sansão, Gladiador, Aquiles, entre outros lutadores e também os mediadores De Carlo, Santini, Barbosa, Jorge Pirata (ROCHA, 2012).

Aluno de Enio Rocha, Altair José de Oliveira, conhecido no mundo das lutas como Ben-hur, vivenciou uma fase do *Telecatch* na qual, com o sucesso na televisão, o espetáculo passou a circular por várias cidades paranaenses e mesmo para outros estados. O *Telecatch* produzido e apresentado em Curitiba pelo Canal 12 era retransmitido pela TV Gazeta de São Paulo. Circos, salões de sociedades, ginásios de esportes lotavam quando das apresentações. Haviam os lutadores preferidos pelo público, os bonzinhos e os de mau caráter.

Entre os bonzinhos estavam Bala de Prata, Mister Argentina, Brazão, Ted Boy Marino que eram ovacionados pela plateia. Em contra partida estavam Metralha, Joia, Falcão, Átila que eram os detestados, o mesmo acontecendo com os juízes Santini e Jorge Pirata, que sempre tendiam para os lutadores de mau caráter. O entusiasmo era tanto que, às vezes, componentes da plateia partiam para cima dos lutadores (OLIVEIRA, 2012).

Essa constante contenda entre o bem e o mal, parece, era um dos pilares que assegurava o sucesso e a audiência do evento e a apresentação de dois tipos arquetípicos<sup>15</sup>: bonzinhos e maus caráter. Esta era a tônica do evento.

Senhoras jogavam sapatos, outras procuravam atingi-los com diversos objetos. Nas cidades do interior, muitas vezes a saída do local ficava complicada diante da reação de certos torcedores, como narra o ex-lutador Ben-hur:

No circo Aurea uma vez, o Joia estava lutando com o Alex, o Ovelha do cabelão branco. Estão lutando os dois e lá tinha um senhorzinho que achava que o *Telecatch* era uma coisa que a gente olhava no olho dele e ele vibrava. Um senhorzinho bem velhinho mesmo e ele ficava gritando o nome do Joia, ele adorava o Joia e dizem que todo lugar que tinha luta e que o Joia ia lutar esse velhinho estava lá. E de repente no vai e vem da luta o Alex jogou o Joia pra fora do ringue e para dentro de volta e fechou ele, então o juiz veio e terminou a luta. Esse senhor arrancou uma garrucha e atirou no Alex falando "ninguém bate no meu amigo" e subiu em cima do ringue. Tiveram que segurar ele, e não conseguiram colocar na cabeça dele que aquilo ali era artístico: "no meu amigo Joia ninguém bate", e foi

---

<sup>15</sup> Experiência ou padrão de experiência comum a humanidade refletindo certas constantes universais.

correndo atrás do Alex. O Alex entrou no mato e ficou escondido (OLIVEIRA, 2012).

As lembranças de alguns entrevistados sobre essa fase de sucesso do *Telecatch* é, em geral, relacionada com o aspecto das lutas serem combinadas:

Aqui tinha o pessoal que fazia *Telecatch*, uma modalidade criada nos Estados Unidos pelo pessoal de luta livre, que é uma coisa bem combinada e que alguns deles faziam também no interior, em circos. (MENEZES, 2012).

O *Telecatch* quando começou era encenação, era meio uma armação de pessoas profissionais da área. (NOGUCHI, 2012)

Não era uma luta verdadeira, era uma luta de sensacionalismo onde a gente entrava no ringue já sabendo quem ia ganhar. Era o mocinho sempre que ganhava, dificilmente o bandido que ganhava. Algumas vezes o bandido ganhava. (ROCHA, 2012).

Os relatos demonstram que, apesar desses sujeitos reconhecerem o *Telecatch* como lutas ou apresentações combinadas ou encenadas, o modo e os significados dessas narrativas podem ser divergentes. Tão importante, ou talvez mais importante, do que se diz, é porque se diz. Uma possível aproximação pode ser feita a partir das falas dos entrevistados que ao se referirem ao *Telecatch* utilizarem termos como armação, combinação, encenação, sensacionalismo, deslegitimam a pretensão de firmar essa prática como esporte ou luta.

A fala “coisa bem combinada” do mestre de capoeira Antonio Carlos de Menezes, o Burguês, fundador da academia Muzenza afasta a pratica do *Telecatch* de um aspecto fundamental do esporte: a imprevisibilidade.

Na fala do ex-lutador Enio Rocha “algumas vezes o bandido ganhava” evidencia que existia alguma abertura quanto à combinação prévia dos resultados das apresentações e que por ser uma “luta artística” o que comandava era a vontade do público e não dos lutadores: “geralmente a gente vai mais pelo público, o público pede. Tanto é que o Ted Boy Marino nunca perdeu luta porque o público estava do lado dele”, ressalta Ben-hur que ainda realiza apresentações de *Telecatch* em festas em cidades pequenas.

Apesar do formato teatral com “heróis” de um lado e “vilões” de outro, descritos pelos próprios representantes da modalidade, alguns praticantes e simpatizantes do *Telecatch* garantem que não era “marmelada” e muitas lutas não

eram combinadas. Essa memória coletiva do *Telecatch* buscou mostrar em muitas falas que existia um certo grau de imprevisibilidade e autonomia.

Os lutadores de *Telecatch* precisavam mostrar que não eram “lutadores de mentira” e que uma possível combinação ou não de resultado por conta do público não diminuísse o prestígio dos atores/lutadores de *Telecatch*:

Mas aquele pessoal pra fazer o *Telecatch* era tudo lutadores verdadeiros que tinham condições de fazer o Vale-tudo normalmente, mas ali era uma demonstração [...] na televisão era uma demonstração de técnicas de agilidade e entrava o talento da pessoa que era ator pra fazer com que fosse verdadeiro. (ROCHA, 2012).

Ser “verdadeiro” em uma apresentação, para o ex-lutador Ênio Rocha tinha íntima ligação com determinado grau de violência demonstrado nos embates do *Telecatch*. Em 1969 o coronel Aloysio Muhlethaler, Chefe do Serviço de Censura da Polícia Federal, proibiu a exibição de *Telecatch* na televisão antes das 23 horas, justamente por considerar que havia um excesso de violência em algumas lutas em decorrência de sangramentos (voluntários ou não). Sobre isso Enio narra com detalhes uma de suas últimas lutas e como fazia ficar “mais verdadeiro”:

Muitas vezes havia muito sangue no ringue. Uma das últimas lutas que eu fiz aqui em Curitiba no SBT foi em 1984, lutei com o Aquiles. No segundo *round* tiraram o Paulo Pimentel da cama e vieram pra parar a luta. No segundo *round* nós já tínhamos lavado o ringue de sangue e não era uma luta verdadeira, nós éramos atores, lutadores e atores. Nós tínhamos o poder de fazer as coisas, tirar sangue um do outro sem ser verdadeiro. Pra fazer isso você teria que, por exemplo, começar a bater na cabeça, na testa, então o sangue fica agitado e quando era pra fazer uma luta já com sangue, já saía do camarim com uma gilete, uma giletezinha enrolada num esparadrapo só na pontinha, então ele chegava e colocava no *corner* do ringue. E começava a bater, e se começa a bater na testa agita o sangue e qualquer piquezinho o sangue jorra e daí dava uma gravata nele e levava pro canto, fazia que batia e daí o próprio segundo dava aquele negocinho na mão e ele só dava um tiquezinho assim e daí o sangue começava a jorrar.

Então como eu disse, não era violento, mas nós passávamos uma imagem de violência, porque era sangue, era brutalidade, era golpe baixo, chute baixo, a gente não atingia aonde o pessoal pensava que atingia, batia do lado, mas quem recebia, que também era ator, registrava o golpe em outro lugar. Então passava a ser violência, passava a ser violento, passava uma imagem assim para as crianças que não era boa também. O *Telecatch*, apesar de não ser uma luta verdadeira, teve muito público, passava muito violência. (ROCHA, 2012).

Essa noção de violência explícita contida na fala do ex-lutador com as expressões “tirar sangue um do outro”, “era brutalidade”, “era golpe baixo” dão a

entender que essas artimanhas por parte dos lutadores/atores eram estratégias de garantir o sucesso de suas apresentações e conseqüentemente ter seu trabalho reconhecido.

Contudo, com o passar dos anos o estigma de “marmelada” passou a ser bastante incômodo para alguns praticantes e sempre que tinham oportunidade se propunham a defender a honra da modalidade: “no Telecatch a pessoa fala assim em marmelada, em combinar, mas não tem” (Ben-hur,2012). O ex-lutador Altair de Oliveira conta um episódio onde teve que argumentar com um repórter acerca da polêmica:

Até teve um repórter da TV de Uberaba que chegou depois e falou “mas o pessoal fala tanto que é marmelada” e eu disse então você chama essa pessoa que disse que é marmelada que eu vou pergunta pra ele: o meu ringue tem um metro de altura e eu tava lutando com o Paulo Zanetti que tinha 2,12m. Ele pega uma pessoa e levanta em cima da cabeça, Paulo Zanetti com 2,12m essa pessoa ta a um metro do chão mais 2,12m do Paulo Zanetti. O Paulo arremessa a pessoa de costas numa quadra de esportes, onde que está a marmelada nisso? E ele disse “puxa é mesmo então nem percebi isso”, então se existir marmelada nisso aqui, vai ver se o cara consegue fazer uma marmelada ali? Então não existe, não é marmelada, o *Telecatch* é uma luta artística aonde a pessoa que vai fazer tem que estar preparada. (OLIVEIRA, 2012).

Para o ex-lutador combinar não significava falsear. Altair dá destaque para a noção de uma luta artística justamente por reconhecer que o objetivo das lutas não era ganhar ou perder, mas ser ator, impressionar o público.

Assim como no *Telecatch*, no MMA a busca passa a ser pelo melhor atleta/lutador e não por uma modalidade específica. Agora esse atleta/lutador passa a treinar diversas modalidades a fim de ser “o mais completo” dentro do mundo das lutas. Portanto é comum ver um atleta de *Mixed Martial Arts* utilizar técnicas corporais originárias de diversas modalidades de lutas, tais como o Jiu-Jítsu, Judô, Boxe, Muai Thay, luta Greco-romana, Karatê, Kung fu, dentre outras, numa mesma luta.

Sobre uma possível relação do *Telecatch* com o *Mixed Martial Arts* alguns entrevistados se mostraram bastante céticos e outros nem tanto. Mas o que distanciaria tanto o *Telecatch* do atual *Mixed Martial Arts*? Se a resposta apontar para a inquestionável competitividade que o MMA apresenta e que suas disputas impedem qualquer tipo de combinação ou armação confirmando que a imprevisibilidade é um aspecto estruturante do esporte, as memórias narradas por

alguns representantes não só do *Telecatch*, mas de outras modalidades também, apontam para fases diferentes vividas pelo *Telecatch* e que, nem sempre, as lutas foram combinadas. Inclusive, o itinerário dessas memórias demonstrou que o notório sucesso dos lutadores do *Telecatch* chamou tamanha atenção de outras modalidades que ocorreram desafios com lutas “valendo tudo”. O mestre de Muay Thai Fábio Noguchi associa o início do Vale-tudo na cidade precisamente com esses desafios *Telecatch versus* outras modalidades:

Se a gente parar e analisar o Vale-tudo vem dessa época aí, que já tinha o *Telecatch* na televisão. O pessoal assistia bastante o *Telecatch* que passava na televisão. [...] O *Telecatch* fazia muito sucesso e tinha o Metralha, o Ted Boy Marino. E esses caras que lutavam, o Pirata, são daqui de Curitiba, são famosos, isso foi na década de 70. Então na década de 70 o pessoal assistia o *Telecatch*, passava na televisão, você pega as imagens e vê o primeiro Vale-tudo. Era Vale-tudo mesmo, Vale-tudo na mão limpa. [...] mas eu acho que o Vale-tudo começou aí, porque era um Vale-tudo, valia tudo, era na mão limpa, o cara do Kung Fu até passou óleo no corpo que eu lembro e o cara arremessou ele de cabeça pra baixo assim e acabou a luta, mas eu acho que o Vale-tudo começou aí” (NOGUCHI, 2012).

As opiniões se dividem quanto a uma possível ligação do *Telecatch* com o que aconteceu com o Vale-tudo/*Mixed Martial Arts* em seus primórdios e atualmente. A fala do *announcer* Francisco Joly demonstra justamente esse conflito:

Eu assistia muito *Telecatch*, que não tem nada a ver, não é? Todo mundo pergunta. O *Telecatch* talvez tenha sido o embrião do MMA. (JOLY, 2012).

## 4.2 REI ZULU DESAFIA

Casimiro de Nascimento Martins ficou conhecido pela alcunha de Rei Zulu e é considerado por muitos uma lenda viva do Vale-tudo nacional. A figura do lutador Rei Zulu foi bastante recorrente na fala dos entrevistados acerca do início do Vale-tudo na cidade:

Foi a primeira vez que eu assisti uma luta de Vale-tudo, ate então eu nunca tinha visto. (FEDRIGO, 2012).

Aqui no Paraná iniciou (o Vale-tudo/MMA) através do Rei Zulu que trouxe esses desafios. Ele chegava em Curitiba e desafiava todo mundo. [...] Eu era pequeno, então eu fui crescendo dentro das artes marciais com essa visão do Rei Zulu ser a pessoa que popularizou, que trouxe o Vale-tudo pra



Curitiba, porque ele chegou e desafiou varias pessoas e ele ganhou de todos e enchia, superlotava o ginásio só pra ver uma única luta. (ALVES, 2012).

Começou a se falar em MMA em Curitiba em algumas situações aonde o Rei Zulu veio para cá. (JOLY, 2012).

O registro que eu tenho é do Zulu quando chegou aqui primeiro desafiando todo mundo. Ele andava muito pelo Rio, andava o Brasil inteiro desafiando todo mundo. Ele ia pra TV desafiava em uma época que não existia isso. Ele foi um divulgador. (MENEZES, 2012).

Segundo a fala dos sujeitos as idas do Rei Zulu a Curitiba, assim como para qualquer outro local, estava diretamente ligada com o sobrepular dos lutadores locais e o progressivo fortalecimento de sua imagem como melhor lutador.

Os bastidores do mundo das lutas revela que Zulu estava invicto faziam cerca de 150 lutas até desafiar Rickson Gracie e, apesar da derrota, Zulu conseguiu se promover com a luta e continuar viajando e promovendo os desafios:

O rei zulu lutou com muita gente. A mídia que lançou. (OLIVEIRA, 2012).

O meu maior registro é quando o Zulu chega desafiando todo mundo e vai pra televisão. Ele tinha acabado recentemente de lutar um Vale-tudo no Maracanazinho com um dos Gracie, o Rickson, e chegou aqui desafiando todo mundo. Vários caras da Luta Livre que faziam *Telecatch* iam lutar com ele. Eu fui árbitro de varias lutas dele, varias lutas no Circulo Militar. (MENEZES, 2012).

Ficou mais em evidência (o Vale-tudo/MMA) quando o Rei Zulu lutou com o Rickson Gracie no Rio de Janeiro e foi ai que saiu em rede nacional e foi popularizando mais ainda o Vale-tudo. Ele chegava e ele botava no jornal, ele colocava anuncio no jornal. Ele chegou na cidade e desafiava qualquer um para lutar com ele. (ALVES, 2012).

Nas fala de Menezes, mestre de capoeira conhecido como Burguês, de Alves, mestre de capoeira e ex-lutador de Vale-tudo/MMA conhecido como Kunta Kintê e de Oliveira, ex-lutador de *Telecatch* famoso pelo codinome Ben-hur fica evidente que Rei Zulu utiliza da mídia (televisão, jornais) para divulgar seus desafios e, desse modo, popularizar o Vale-tudo.

Rei Zulu tinha por objetivo viajar o país desafiando mestres, praticantes de quaisquer modalidades. Em Curitiba, segundo a narrativa dos sujeitos, ele enfrentou representantes do Kung Fu, *Telecatch* e Capoeira:

Apareceu o Rei Zulu desafiando todo mundo e apareceu um cara do Kung Fu que topou e um dia fizeram uma luta. [...] Ele chegava na cidade e desafiava as pessoas. E tinha uns malucos sem ter esse conhecimento, essa técnica de pé com o chão e acabava tendo uma desvantagem enorme. (FEDRIGO, 2012).

O rei zulu lutou com muita gente, lutou com Metralha, com Brasão, lutou com Apolo, então ele fez muitas lutas aqui em Curitiba, daí caiu na mídia um desafio. A mídia que lançou. (OLIVEIRA, 2012).

Ele lutou com o Metralha que era da Luta Livre, ele lutou com um cara do Kung Fu, ele lutou com todo mundo aqui e bateu em todo mundo. E ele ganhou todas. (MENEZES, 2012).

O lutador viajante possuía um estilo bastante caricato e chamava muita atenção pelo porte físico e postura intimidadora:

O Zulu chegava impactando, ele era um negrão muito forte, alto e ele chegava e dizia: “aqui não tem homem nessa cidade, desafio qualquer um”. Ele mexia com o brio das pessoas. (FEDRIGO, 2012).

E ele ganhou todas, nocaute, imobilizações, ele era um negro muito forte, animal. Ele fazia espetáculo também, ele fazia palhaçada lutando e imitava macaco, ele era um espetáculo, ele era muito preparado. (MENEZES, 2012).

Os termos utilizados pelos entrevistados “chegava impactando”, “fazia espetáculo”, “fazia palhaçada”, demonstra que Zulu era, além de um bem preparado lutador, também um “*show man*”, um artista.

Rei Zulu não defendia nenhuma modalidade específica e isso o tornava uma figura ainda mais emblemática:

Ate hoje o Zulu não tem uma modalidade definida, ninguém sabe se o zulu é mestre de Capoeira, é um mestre no Boxe, então ele mesclou, ele pegou um pouquinho de cada coisa, e cada dia que passa eu tenho certeza que ele vê uma coisa ali que pra ele é diferente. O Zulu vinha lutar em Curitiba, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, ele queria mostrar que ele era o melhor na luta, no Vale-tudo, não naquela modalidade de arte marcial. (OLIVEIRA, 2012).

Diferente do que já ocorria de forma pulverizada pelo país aonde lutadores de modalidades específicas envolviam-se em confrontos de Vale-tudo para defender a honra de sua arte marcial mãe, Rei Zulu possuía estilo próprio de luta, assim como, pelo que se sabe, nunca frequentou academia. Sem contar que quase todos os seus combates foram contra oponentes bem mais novos. Como foi o caso do lutador

Carlos Roberto Alves, o Kunta Kintê que, na época, defendia a bandeira da Capoeira pelo mestre Sergipe. Kunta fez uma luta com Rei Zulu em 1996 no Ginásio Paraná Clube e narra sua lembranças desse confronto:

Olha, essa luta com o Rei Zulu me da tremedeira só em pensar, porque eu tava com 90 kg e ele tava com 122 kg, então imagina... você cresce vendo a pessoa lutar e ganhar de todo mundo ai dez anos depois você vai lutar com essa pessoa, então você já entra derrotado ali. A hora que subimos no ringue então... eu só queria achar uma brecha pra sair correndo la de cima. Então foi uma coisa que inclusive eu ganhei dele foi num acaso mesmo na verdade porque ele era muito experiente em guilhotina e ele conseguiu pegar meu pescoço pra aplicar a guilhotina. Eu só consegui escapar da guilhotina porque eu quebrei um dedo dele, se não eu teria perdido mesmo porque tava quase meio que apagando, então não foi assim na experiência, não foi na trocação de golpes, foi meio que rápido assim. (ALVES, 2012).

Apesar de narrar que sua vitória sobre Rei Zulu foi por ter conseguido quebrar o dedo mínimo de uma das mãos dele e isso foi considerado um “acaso”, Carlos Roberto Alves mostra orgulho do feito porque, até então, ninguém havia ganho de Zulu em terras locais.

#### 4.3 CURITIBA DO MUAY THAI

“Eu cheguei aqui e me assustei, só via branco falei caramba estou na Europa, o pessoal falando tudo diferente, não tinha negro. Hoje a cidade cresceu, cheguei aqui tinham 600 mil habitantes, hoje tem mais de 2 milhões. Evoluíram muito as academias aqui porque antigamente era muito discriminada a luta aqui, muito preconceito, a imigração europeia. (MENEZES, 2012).

Vindo do Rio de Janeiro na década de 1970, Antonio Carlos Menezes, o “Burguês” se viu diante de uma sociedade diferente e com o desafio de difundir seu estilo de Capoeira na promissora capital paranaense. Assim como ele, Nélío Borges de Souza, Nélío “Naja”, chegou a Curitiba com uma pretensão também ousada: introduzir um novo estilo de luta no país. O Muay Thai ou Boxe Tailandês fez com que Nélío deixasse o Taekwondo e se dedicasse a nova modalidade, contudo a pouca informação sobre a luta de origem tailandesa acabou fazendo com que Nélío

utilizasse no início alguns nomes, golpes, trajes e graduações em coreano em decorrência da grande influência da luta coreana:

Ele era um grande atleta de Taekwondo era uma pessoa fantástica. Inclusive o Muay Thai começa todo errado no Brasil, começou com quimono e não existe quimono. (MENEZES, 2012)

O Nélio já era faixa preta de Taekwondo pelo mestre Kang e, como ele tinha essa ligação, então alguns nomes de chutes dava o nome coreano. (FEDRIGO, 2012).

Até a segunda faixa ele aprendia na maioria golpes do Taekwondo, depois da terceira faixa em diante que ele aprendia o Muay Thai. Então na primeira e na segunda faixa você aprendia mais golpes de Taekwondo, mais chutes na verdade, se usava mais chutes e a partir da terceira graduação em diante é aí que vinha daí os golpes mais traumáticos de mão também as cotoveladas e joelhadas além do boxe tradicional. A partir da terceira faixa que se aprendia o Muay Thai na sua essência. (PEDROSO, 2012).

Ele (Nélio) é da primeira turma do Kang e daí ele conheceu um tailandês na época, pintou os quimonos de preto, colocou um cobra lá, convidou o Carlão que dava Boxe na época, ele dava a parte de pé na academia e o Carlão dava Boxe e aí que começou o Muay Thai. Tanto é que você vai ver os chutes e algumas pessoas ainda colocam os nomes em coreano porque o precursor do Muay Thai no Brasil fazia Taekwondo, e não tinha como colocar os nomes dos chutes em tailandês. Pra ele na época ter feito isso daí foi muito inteligente. [...] fazia a mescla dos chutes e do Boxe e colocava alguns joelhos que ele tinha aprendido com o tailandês e aí foi criado o Muay Thai. (NOGUCHI, 2012).

As diferenças do Muay Thai no início para o que se encontra atualmente nas academias são evidentes segundo os entrevistados:

Então dessa época até aqui melhorou muito. Hoje o Muay Thai é como é mais ou menos assim como é na própria raiz da Tailândia. Só não temos a situação bem semelhante porque nós estamos no Brasil e temos valores diferentes da Tailândia. (NOGUCHI, 2012).

Hoje ele é moldado, a gente da aula pra criança, pra mulher, mas assim hoje é bem mais fácil e muito melhor pra aprender. Hoje eu paro e penso nas coisas que nosso mestre mandava a gente fazer, um absurdo. A gente não tinha protetor de canela, não tinha protetor de tórax, o capacete era um todo rasgado, luva eram dois pares de luva pra quinhentos alunos e o protetorzinho bucal era uma borrachinha branca. Na própria movimentação podia dar joelhada no rosto, cotovelada no rosto, então todo dia alguém ia alguém pro hospital pra dar uns pontinhos, se pegasse o povo das antigas aí, olha é complicado e hoje você não vê ninguém machucando nas academias, é difícil acontecer hoje em dia. (PEREIRA, 2012).

Mas foi, justamente, por terem vivido isso naquela época e pelo Muay Thai ter se criado aqui que Curitiba se fez referência mundial da modalidade:

Quando eu comecei a treinar já existia há uns quinze anos o Muay Thai aqui, então você imagina a estrutura que foi criada, foi feito um alicerce de sabedoria de Muay Thai, de ciência de Muay Thai e eu graças a Deus treinei nessa época. Então os que treinaram nessa época eles tem a ciência do Muay Thai. Os que começam a treinar hoje e começam a dar aula hoje, eles não tem noção do que nós treinávamos nos anos 80. (PEREIRA, 2012).

Hoje Curitiba criou lutadores top porque o Muay Thai já existe há muito tempo aqui em Curitiba e ele vem sendo mastigado. Os caras pegaram todas as técnicas mastigadas. Quem começou na década de 80 passou pra eles isso mastigado já, quem treinou na década de 80 sofreu muito. Aprenderam com isso e hoje tão onde tão, mas eu acredito que o Muay Thai tem muito haver na vida deles pra eles estarem lá. (NOGUCHI, 2012).

Os mestres de Muay Thai entrevistados fizeram questão de ressaltar que o início da modalidade no país ocorreu primeiramente na capital paranaense:

O Nélio introduziu aqui (Curitiba) primeiro para depois difundir pelo país. Depois que ele pegou e formou a primeira leva de faixas preta aqui ele pegou e foi pro Rio de Janeiro e entrou em contato com os professores de Taekwondo na época, e eles foram apresentados ao Muay Thai e se formaram faixa preta de Muay Thai também. Mas foi uma equipe de Taekwondo que começou a difundir o esporte por lá. Na verdade Curitiba em primeiro lugar e depois o Rio, e assim foi para vários estados. (PEDROSO, 2012).

Começou aqui mesmo o Muay Thai com o Nélio Naja, ele dava aula na rua Carlos de Carvalho, isso na década de 80, daí ele foi pro Rio de Janeiro difundir o Muay Thai no Brasil, ficou ali o Rubens Melantônio e Reginaldo Moreira que ficaram no lugar dele dando aula ali na academia. (NOGUCHI, 2012).

A luta ríspida, que permitia golpes com joelhos, pés, cotovelos, além dos golpes do Boxe lentamente ganhou novos adeptos em Curitiba a partir dos anos 80. Ocorreu um processo acelerado de aparecimento de mestres reconhecidos e dos primeiros destaques em competições nacionais e internacionais. Rudimar Fedrigo, que começou na modalidade para consolidar a recuperação de uma fratura exposta no fêmur, após ser atropelado aos 12 anos de idade, criou naquela época a Chute Boxe. Rudimar rememora sobre o desenvolvimento do Muay Thai na cidade e sua relação com a modalidade:

Primeiro era somente o Nélio e ai depois ele resolveu ir pra Foz do Iguaçu, depois de Foz do Iguaçu ele foi para o interior do Brasil lidar com garimpo, se eu não me engano foi isso. E eu já estava dando aula, eu já era um instrutor e ai ele foi para um outro lado e ai eu decidi continuar com academia e ai montei meu grupo mesmo, com o nome Chute Boxe e ai foi pra frente.

[...] Eu comecei dando aula numa praça, na Praça Oswaldo Cruz, depois comecei a ter muitos alunos, uma aceitação muito boa. E eu comecei a dar aula porque eu gostava, nada comercial, pros amigos e ai os amigos começaram a convidar mais um e outro e assim foi aumentando, daí eu fui pra Sociedade Thalia. Depois da Sociedade Thalia eu fui para o Clube Círculo Militar do Paraná. Do Círculo Militar eu montei uma academia no Alto da Rua XV, foi a primeira academia minha mesmo, no bairro Alto da Rua XV. Do Alto da Rua XV abri uma academia na Visconde do Rio Branco e depois em conjunto também uma no bairro São Francisco, uma na Visconde do Rio Branco e uma na São Francisco, eu tinha duas, numa época muito boa e ai que entrou os atletas que são conhecidos hoje. (FEDRIGO, 2012).

Rudimar conta que no início dos anos 90 observava o que ocorria no Rio de Janeiro através da televisão e acabou conhecendo na época um senhor chamado Mestre “Nico” que era mestre de Jiu-jitsu. Segundo Rudimar, esse senhor matriculou seus filhos na academia e que começou a ensinar posições de chão para o líder da Chute Boxe e alguns alunos e dessa forma que o Jiu-jitsu foi introduzido na academia equipe. Contudo, Rudimar confessa que até pouco tempo antes tinham dificuldade de aceitar um novo estilo por acreditar que só o Muay Thai era digno, mas que com o tempo foram entendendo a importância de mesclar tanto as técnicas de luta de pé quanto de chão nessa nova modalidade de luta denominada “Vale-tudo”:

Uma vez até um amigo meu, que já faleceu, chamado Flavio Molina, esteve aqui por Curitiba e tentou me ensinar uma esgrima e eu achei uma coisa assim sem nexos aquilo, no momento, era só Muay Thai, cabeça fechada. Foi depois com o mestre Nico, ensinando ali as posições de chão que a gente começou a gostar, a gente começou a treinar no piso mesmo, não tinha tatame e que daí fizemos essa fusão ai de Muay Thai e Jiu-jitsu. [...] na verdade eu gostava assim no final do treino de fazer o pessoal fazer agarramento sem técnica nenhuma, era mais pra cansar mesmo, uma espécie de uma brincadeira mesmo. Ai depois com essas posições que a gente viu que tinha eficiência, o mestre Nico passando isso pra nós. (FEDRIGO, 2012).

A diferença é que, no Vale-tudo, Curitiba não só viu disparar o afluxo de novos praticantes na década posterior, como seguiu fabricando atletas de alto nível. Para melhorar, os especialistas em Muay Thai sempre foram mais valorizados no mercado do MMA por lutarem em pé e darem mais vivacidade aos combates.

#### 4.4 ACERTO DE CONTAS

[...] Eu acho que aquilo ali foi visto como um acerto de contas. Primeira coisa: era a honra, era a honra da arte marcial que tinha acontecido lá, era a honra da arte marcial, cada um querendo defender a sua arte marcial mãe e mais, os organizadores, os mestres viram aquilo também como um negócio, uma maneira de você se projetar dentro da cidade, como uma grande academia, uma grande força do esporte, das lutas e também financeiramente. Então juntaram o útil ao agradável, foi uma visão, sinceramente de parabéns na época. (PEDROSO, 2012).

Curitiba no final dos anos 1980 e início dos 90 foi marcada por conflitos noturnos entre academias rivais. Esses conflitos recorrentes eram considerados fruto de uma cidade em crescimento, que possuía poucos espaços de lazer e também da imaturidade dos frequentadores. A fala do mestre Burguês demonstra essa relação:

Eles iam pra noite, pra balada, eu também participei muito disso, eu briguei muito na noite aqui. Tinha um monte de gente que brigava na noite de luta, mas tinham aqueles que se respeitavam. A cidade era pequena, tava em fase de crescimento, hoje em dia é outra coisa. Quando você resolve as coisas na mão é mais fácil, mas era um momento que se vivia, a gente era tudo novo, eu migrei pra cá e me afastei do meu mestre, não tinha uma orientação então eu aprendia muito apanhando da vida, tive muito problema com briga, de processo. Tive muito processo. (MENEZES, 2012).

Outro argumento encontrado na fala dos entrevistados para os periódicos confrontos entre as academias foi o de que não havia campeonatos na época e isso exacerbava a agressividade dos praticantes de lutas:

Antigamente nos anos 80, 90 a galera brigava muito na rua, por quê? Porque não tinha evento e o Muay Thai instiga a adrenalina dos caras e aí o que acontece, lutador que bebe é uma bomba atômica, dez lutadores juntos... vai vendo. (PEREIRA, 2012).

No começo dos anos 1990 Curitiba sediou alguns torneios amadores entre adeptos de diferentes artes marciais, com regras mais livres. Esses torneios eram conhecidos também como Freestyle ou Interestilos por não existirem tantas regras e os lutadores defendiam modalidades específicas, eram desafios entre representantes de diversos estilos de lutas. E decorrente de uma rivalidade entre integrantes da academia Chute Boxe que representava o Muay Thai e capoeiristas

do mestre Sergipe aconteceu o que ficou conhecido como Desafio Muay Thai *versus* Capoeira conforme o depoimento do mestre Burguês:

Eles andavam em grupo, aconteceu (confronto) na praia, estavam em 10, 15, brigaram com outro grupo, foi uma coisa meio feia. Então o Rudimar foi lá (academia mestre Sergipe) pra acabar com isso, pra dar um chega e recebeu a proposta de fazer de pegar os seus cinco melhores (lutadores) e vamos fazer contra os meus cinco e vamos fazer um Vale-tudo. (MENEZES, 2012).

Então eles (alunos da Chute Boxe e capoeiristas do Sergipe) tiveram divergências de opiniões e acabaram resolvendo no Vale-tudo em cima do ringue e algumas pessoas acreditam que foi o início do Vale-tudo aqui em Curitiba. Eles foram resolver uma situação particular.. (NOGUCHI, 2012).

Na época foram quatro atletas do Muay Thai contra quatro capoeiristas. Esses quatro atletas de Muay Thai eram da academia rival da minha na época, mas eu me orgulho de falar isso porque foram quatro vitórias do Muay Thai contra a Capoeira

A gente (capoeiristas Muzenza) ficou sabendo na época porque acompanhamos muito de perto e não tinham tantas academias como se tem hoje. Foi numa briga de rua entre dois atletas um de uma academia de uma modalidade e outro de outra modalidade e depois mais uma indiferença com mais um atleta com varias pessoas de outra modalidade ai eles foram tirar satisfação numa academia e para esclarecer resolveram reunir os 5 atletas do Muay Thai e da Capoeira pra subir no ringue e resolver esse problema, então foi daí que surgiu o Vale-tudo aqui. (FELISBERTO, 2012).

Foi então que em 1993 fãs de Muay Thai e da Capoeira lotaram o ginásio do Círculo Militar do Paraná para protagonizaram o que, por muitos, foi considerado o primeiro Vale-tudo da cidade de Curitiba:

O Vale-tudo começou porque um aluno de Muay Thai da minha academia se desentendeu com um aluno de Capoeira e ai por sugestão dos capoeiristas é que se escolheram cinco representantes e cinco do Muay Thai e a gente fez um desafio e foi no ginásio Circulo Militar e ai que começou o Vale-tudo. (FEDRIGO, 2012)

O primeiro evento de Vale-tudo em Curitiba que eu me lembro, que realmente pode ter firmado foi o desafio Muay Thai contra Capoeira, realmente valendo tudo na mão limpa. (JOLY, 2012).

Eles pegaram e olharam pro lado comercial: por que é que a gente não promove isso num evento, em vez da gente fazer isso aqui pra 30 pessoas dentro da academia, a gente faz pra três mil pessoas no Circulo Militar, e foi ai que começou. (PEDROSO, 2012).

Teve uns problemas aqui em Curitiba, do Rudimar e do pessoal dele com o pessoal do Sergipe, capoeirista e eles brigavam na rua e eles resolveram



fazer um desafio de Vale-tudo e foi assim que o pessoal da Chute Boxe entrou pro Vale-tudo. (MENEZES, 2012).

O Desafio Muay Thai *versus* Capoeira contou com quatro lutas, sendo essas compostas por dois assaltos de dez minutos cada por dois minutos de descanso. O Árbitro foi o campeão mundial de Jiu-jitsu Alexandre Penão. A primeira luta foi entre José “Pelé” Landi (Chute Boxe) *versus* Moura (Sergipe). “Pelé” ganhava de seu adversário, mas foi desclassificado por atingir seu oponente com um soco quando a luta estava paralisada. A segunda luta do evento foi entre Rafael Cordeiro (Chute Boxe) *versus* Daniel (Sergipe). Rafael nocauteou Daniel no primeiro round. No terceiro confronto Nilson Castro (Chute Boxe) também nocauteou seu oponente Ulisses (Sergipe) no primeiro round. No final do evento o líder da Chute Boxe discursou para o público prometendo que luta principal de Kunta Kintê *versus* Fabião aconteceria dali quarenta dias. Quando, enfim, ocorreu o outro evento Fabião derrotou Kunta por nocaute.

Após o evento as opiniões se dividiram, havia os que achavam que o ocorrido ajudara o esporte, principalmente quem venceu as lutas ou quem era simpatizante da modalidade vencedora:

Olha, repercutiu muito bem porque a academia foi vencedora, ganhamos todos os confrontos e aí a academia começou a ser procurada bastante. A gente começou a evoluir tecnicamente a partir desse episódio. Foi um marco, sem dúvida. A procura aumentou e logo depois o “Pelé” foi o primeiro nome dentro da Chute Boxe e começou a ter uma projeção. Ele foi pra São Paulo e começou a ganhar os campeonatos lá e a academia foi ficando cada vez mais conhecida. (FEDRIGO, 2012).

Não foi um campeonato que aconteceu, foi uma rivalidade que aconteceu, coisas pessoais, mas através daquela coisa pessoal foi que a galera começou a olhar e o negócio começou a valer a pena porque encheu de gente pra assistir. Começou a chamar atenção, as pessoas envolvidas ali enxergaram uma possibilidade com aquele problema ali, então, na verdade foi uma coisa boa que aconteceu. (PEREIRA, 2012).

Por outro lado havia aqueles que tiveram um olhar mais negativo sobre o evento:

Pra capoeira ficou ruim, porque todo mundo achou que a Capoeira não prestava. Isso aí comercialmente não foi bom. (MENEZES, 2012).

Na época eu achei muito amadorismo, uma falta de preparo de ambas as partes, então quer dizer, eles fizeram aquilo, mas nada a ver com o Vale-

tudo de hoje, com aparte técnica, com toda a infraestrutura que se tem hoje. Na época foi muito amador, foi um ringue de Boxe normal. Pra época a gente até achou legal, curtiu aquilo que nunca tinha sido visto, mas com o decorrer do tempo, hoje vendo a evolução que isso tudo teve, a gente viu que, voltando no passado, isso realmente foi bem amador. (FELISBERTO, 2012).

Então após esse evento ficou uma visão distorcida devido à própria mídia, porque a gente não tinha a mídia especializada então o pessoal que olhava aquilo pensava é briga, uma rixa de galo ou coisa parecida. (PEDROSO, 2012).

No começo a novidade do Vale-tudo era vista com desconfiança e quem migrava ganhava a pecha de traidor de sua arte. Fase que durou pouco. Com grandes nome e centenas de seguidores no Muay Thai, além de um Jiu-jitsu desenvolvido, faltava só um ícone para o Vale-tudo curitibano deslanchar:

O “Pelé” é um cara que começou que foi o primeiro campeão, primeiro cara de Curitiba que saiu defender a cidade, o Paraná, o Brasil foi o “Pelé”, através disso que alimentou aqui nos professores, nos mestres a aquela coisa de eu também quero. Mas o principio básico foi isso aí Wanderlei, “Pelé”, o mestre Nilson, o pessoal ali que lutava, treinava dura, o próprio Anderson Silva, a gente era tudo parceiro, mas hoje cada um tem o seu mundo. O principio da coisa foi bem por aí, foi numa época difícil que ninguém acreditava e eles acreditaram, o mestre Rudimar os fez acreditar nisso e hoje eles são o que são.. (PEREIRA, 2012).

Os campeões que nós fizemos em Curitiba que são: José “Pelé” Landy, o “Pelé”, Murilo Ninja Rua, Maurício Shogun, aliás, Maurício Shogun tem dois títulos. Então eu já contei: “Pelé” tem um título, o Ninja tem um título, Shogun tem dois títulos, depois vem o Wanderlei, depois vem a Cris Cyborg e depois vem o Anderson Silva. Nós temos aí sete títulos, esses títulos são do Pride, do UFC, do Cage Rage, que é um evento que é lá na Inglaterra, são títulos de cinturões. “Então o que é que acontece, Curitiba é o celeiro do MMA. Curitiba tem esses sete campeões, esses campeões saíram da escola, mas se você for analisar todos eles vieram da mesma escola, todos eles são oriundos do Muay Thai e se deram muito bem no MMA. O que eu quero te dizer é que, no meu entender, Curitiba se criou porque o DNA do MMA caiu em Curitiba e tá ali, é tudo uma questão de postura, de acertos, de você poder lapidar talentos. (JOLY, 2012).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O passado só existe porque o presente o recorda. “Assim como somos produtos do passado, também o passado conhecido é um artefato nosso.” (LOWENTHAL, 1998, p. 113).

A objetividade científica não consiste em nos ausentarmos da cena do discurso e em simularmos uma neutralidade que é tanto impossível quanto indesejável. Essa objetividade consiste, antes, em assumir a tarefa de interpretação, que cabe aos intelectuais. (...) A responsabilidade pela interpretação, é óbvio, não chega a reivindicar, para nossas interpretações, acesso completo e exclusivo à verdade. (PORTELLI, 1997, p. 26-27).

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre a manifestação das memórias de sujeitos envolvidos com o processo de desenvolvimento do Vale-tudo/*Mixed Martial Arts* na cidade de Curitiba, mais especificamente analisar se existiram fissuras ou nuances nessas narrativas com a de versões já consagradas, assim como investigar possíveis divergências em torno das memórias relacionadas à origem do Vale-tudo/ MMA em na cidade .

Este estudo, que ora concluí-se, é fruto de diversas inquietações sociais, acadêmicas que acompanham me acompanham há algum tempo. Foram essas inquietações que serviram de estímulo para investigar os sujeitos e suas memórias acerca desse fenômeno tão complexo e contemporâneo.

Com base nas entrevistas realizadas, sua transcrição e análise foi possível apontar algumas considerações a partir desta pesquisa.

Uma lição aprendida com a efetivação deste estudo é a de que nenhuma narrativa ou prática de saber se dá no vazio, que todo saber é situado e contextualizado, não apenas no aqui e agora e no imediato, mas enraizado no contexto histórico de hoje e de ontem, a que remonta, dando sentido às práticas atuais. O que implica dizer que o saber e os aprendizados não são apenas situados, mas sempre coletivos e compartilhados.

Outra consideração importante fruto deste trabalho foi compreender que o ato de lembrar um acontecimento nunca poderá ser da mesma forma que o anterior, até mesmo porque a memória é suscitada a partir dos jogos do presente, influência que a ressignifica continuamente. Por outro lado, as memórias de um sujeito podem apresentar um caráter semelhante, convergente, ou totalmente divergente em relação a outras.

Neste processo de realização, transcrição e análise das entrevistas apontaram para uma dissonância em relação a concepção de início do Vale-tudo/Mixed Martial Arts em Curitiba, inclusive na própria concepção de Vale-tudo e MMA. Desse modo, foi possível caracterizar três grupos, que, apesar de não contraditórios, se diferenciam em sua constituição. O primeiro – sem a pretensão de articular qualquer hierarquia na ordem das descrições – é formado por aqueles que organizaram suas memórias em torno da relação que estabeleceram considerando os espetáculos de *Telecatch* da década de 60,70 como sendo um embrião do que posteriormente ficou conhecido como Vale-tudo/*Mixed Martial Arts*.

Em outro grupo os entrevistados construíram seus relatos relacionando a vinda para Curitiba do lutador conhecido como Rei Zulu seguido de seus desafios contra lutadores locais como sendo um possível embrião do Vale-tudo/*Mixed Martial Arts* na cidade.

Um terceiro grupo de entrevistados, ao narrar suas lembranças sobre a temática do Vale-tudo/MMA, se fundamentou na perspectiva de suas experiências ligadas a um evento de luta em particular ocorrido no início da década de 90 como o primeiro Vale-tudo na cidade de Curitiba.

O que uniu os sujeitos foram aspectos de suas lembranças, pois todos estiveram, de alguma forma, relacionados à temática das lutas, em especial ao movimento do Vale-tudo/MMA na cidade de Curitiba.

Importante ressaltar que a relação entre o que os sujeitos lembraram suas experiências e a forma como pensam no presente, fazem do passado algo que vive entre o que aconteceu e a forma como hoje veem o acontecimento. Reviver o passado é impossível. A arte de lembrar produz o efeito de reescrever ou reler os acontecimentos vividos. Os entrevistados no ato de lembrar fatos cotidianos de suas vidas produzem representações sobre o passado coletivo e individual. No efetivo exercício da memória, o ato de rememorar encontra um conjunto de intenções.

Conforme Alessandro Portelli assegura “recordar e contar já é interpretar”. Esta compreensão contribuiu para a pretensão de realização de um estudo equilibrado a fim de evitar dois riscos: o de construir uma exaltação aos narradores e apresentá-los como os guardiões de uma verdade soberana, ou ainda de desconsiderar os sentimentos e o papel destes sujeitos para a pesquisa e apenas tratá-los como meros informantes ou registros. Nesse sentido o que torna o passado real são as lembranças que temos dele. Não importa como tenha sido, visto

ser impossível vê-lo ou retorná-lo. O que dá sentido ao nosso passado é o que nos lembramos dele. É somente aí que ele existe.

Por fim, foi possível entender através desse estudo que o que os sujeitos relembrou é, sobretudo, seu passado, e, mais que isso, sua elaboração sobre o seu passado. E esse passado é, sem dúvida, multiforme e uma construção do e no social. Neste caso, é necessário evitar o equívoco de tentar compreendê-las hierarquicamente. Não cabe asseverar qual é mais correta ou importante. Ou mesmo entendê-las como algo que se complementa para formar um todo. A memória, assim como “a narrativa não tem fim, não promete uma explicação. Seu final parece estar sempre em aberto, pois a própria vida é suscetível a um novo prolongamento”. (Lowenthal, 1998, p.78).

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- AMÁDIO, J. **Hélio Gracie: um super-homem brasileiro**. Porto Alegre: Movimento. 1987.
- AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (1998) apresentação in: **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- AWI, F. **Filho teu não foge à luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARDOSO, B.V. **Briga e Castigo: Sobre pitboys e “canais de fofoca” em um sistema acusatório**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Sociologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CORREA, W. **Produção Acadêmica em lutas, artes marciais, e esportes de combate**. Motriz, Rio Claro, v.16, n.1, p.01-09, jan./mar. 2010.
- FREITAS M. A. **A PRÁTICA DO VALE TUDO: alguns apontamentos a partir da teoria elisiana**. In: Anais da VII edição do Simpósio Internacional de Processo Civilizador, 2003.
- GRACIE, H. **Gracie Jiu-jitsu**. São Paulo: Saraiva, 2010.
- GRACIE, R. **Carlos Gracie: o criador de uma dinastia**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 5 Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- LOPES, M. A (org). **Espaços da memória, fronteiras**. Cascavel, PR: Edunioeste, 2000.
- LOWENTHAL, D. **Como conhecemos o passado**. Projeto História, São Paulo, n.17, nov.1998.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia Científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Manual de história Oral**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. (org.) **(Re) introduzindo história Oral no Brasil**, São Paulo: Xamã, 1996.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PELIGRO, K. **The Gracie Way – An Illustrated History of the World's Greatest Martial Arts Family**. Montpeleir: Invisible Citie Press, 2003.

PELLANDA, F. A. **O processo de desportivização do Mixed Martial Arts**. In: EF Deportes Revista Digital, Buenos Aires ano 14, n. 131, abr.2009.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, 1992.

\_\_\_\_\_. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 3, 1989.

PORTELLI, A. **A Filosofia e os Fatos**. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Rio de Janeiro: Tempo, 1996.

\_\_\_\_\_. **História Oral e Poder**. In: XXV ANPUH. Fortaleza/CE, UFC, 12 a 17 julho de 2009.

\_\_\_\_\_. **O que faz a história oral diferente**. Projeto história. São Paulo, (14), fev. 1998.

\_\_\_\_\_. **Tentando Aprender um Pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. São Paulo: Projeto história, 1997.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

#### **SITES:**

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1707201111.htm>>. Acesso em: 22 de Novembro de 2012.

Disponível em: <<http://www.entrecoisas.com.br/2012/08/cassino-da-porrada-o-lucrativo-mundo.htm>>. Acesso em: 21 de Novembro de 2012.

Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0999/noticias/pancadaria-lucrativa>>. Acesso em: 22 de Novembro de 2012.

Disponível em:

<<http://paranaonline.com.br/editoria/esportes/news/622331/?noticia=TELECATCH+R+ESISTE+E+SONHA+EM+VOLTAR+A+REUNIR+MULTIDOES>>. Acesso em: 12 de Novembro de 2012.

## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

- a) Você está sendo convidado a participar de um estudo intitulado “**O Monopólio do Nocaute: Memórias dos primórdios do *Mixed Martial Arts* na cidade de Curitiba**”. É através de pesquisas como esta, realizadas no meio acadêmico que ocorrem avanços importantes em todas as áreas, e sua participação é fundamental.
- b) O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar as memórias acerca do surgimento e difusão da prática do *Mixed Martial Arts* na capital paranaense através de depoimentos orais de diferentes agentes envolvidos nesse processo.
- c) Caso você participe da pesquisa, será necessário que responda algumas perguntas em forma de entrevista. Para tanto, realizaremos uma entrevista semi estruturada (perguntas base sobre as quais poderá discorrer livremente).
- d) A responsável pelo presente estudo é a pesquisadora Daniella de Alencar Passos, graduanda em Licenciatura em Educação Física, pode ser contatada pelos telefones (41) 9954-8839 e (41) 8501-5036 ou por email: daniapassos@yahoo.com.br para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. O orientador da pesquisa é professor mestre em Educação Sidmar dos Santos Meurer, pode ser contatado pelo telefone (41) 9157-7506 ou por email: sid\_meuer@terra.com.br para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- e) Estão garantidas todas as informações ao entrevistado sobre os procedimentos metodológicos de coleta e tratamento de dados dessa entrevista, e quaisquer outras informações a respeito do estudo que for de interesse do participante.
- f) A sua participação neste estudo é voluntária, e você poderá desistir a qualquer momento. Desse modo, se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá solicitar de volta este termo de consentimento livre e esclarecido assinado e a garantia de que os dados por você ofertados não poderão ser utilizados nesse estudo.
- g) As informações relacionadas ao estudo somente serão veiculadas pelo pesquisador dentro do âmbito acadêmico, por exemplo, artigos, congressos, monografias, e quaisquer utilizações posteriores por terceiros serão realizadas mediante a autorização formal do participante. Caso o(a) senhor(a) opte pelo anonimato, os pesquisadores deverão ser comunicados e qualquer informação a ser divulgada será feita sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade.
- h) A sua entrevista será gravada. Somente o pesquisador terá acesso à gravação e ficará sob sua custódia o armazenamento da mesma.

Rubricas: Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____ Pesquisador Responsável _____ Orientador _____
---



- i) Você não será beneficiado física, psíquica ou financeiramente ao participar deste estudo. O benefício à pesquisa se dá corrente de sua experiência profissional, que vem a contribuir de forma decisiva a esse estudo. Sendo as artes marciais de forma geral, e o MMA de forma específica, campos ainda repletos de lacunas dentro das pesquisas acadêmicas, sua participação neste contribuirá com o desenvolvimento da temática, servindo inclusive como um provável referencial para trabalhos posteriores, beneficiando sua memória e do próprio MMA.
- j) Para evitar possíveis constrangimentos e/ou incômodos, você poderá comunicar ao pesquisador antecipadamente ou no decorrer da entrevista temas dos quais prefere não abordar, sem que isso afete o natural andamento da entrevista. Desta forma, objetiva-se minimizar situações constrangedoras que possam ocorrer em virtude de um tema que não seja interessante abordar.
- k) Você poderá optar por encerrar a entrevista quando julgar conveniente, sem que a mesma necessariamente tenha sido finalizada pelo pesquisador.
- l) Autorizo, portanto, através deste a utilização das informações por mim fornecidas para este trabalho acadêmico e seus prováveis desdobramentos (produção de artigos, apresentações em eventos, etc.). Não há necessidade de sigilo em relação às mesmas, haja vista que reconheço a importância de minha identificação para a discussão e construção deste trabalho, e o pesquisador se compromete a utilizá-las mediante a minha autorização em relação à transcrição da entrevista por mim livremente concedida, além da assinatura deste documento. Aceito que o mesmo mantenha as informações por mim fornecidas sob custódia, e acorde desde já com o pesquisador que em caso de uma nova pesquisa ou interesse de terceiros, tal disponibilidade se dará apenas mediante minha autorização formal.

Eu \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação no estudo a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Curitiba, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Rubricas: Sujeito da Pesquisa ou responsável legal _____ Pesquisador Responsável _____ Orientador _____
--